

Trump, islamismo e confucianismo

Rubens Penha Cysne

Professor da Escola Brasileira de Economia e Finanças (FGV/EPGE)

Quem passa na ponte Rio-Niterói, sentido Rio, e olha para o lado direito, vê uma série de navios, quase todos apontando na mesma direção. Não se trata de uma combinação entre os comandantes, mas da ação da correnteza marítima subjacente.

Da mesma forma, além dos Estados Unidos, vários países da Europa apontam no momento para uma mesma direção política. Aquela de um nacionalismo mais aguerrido e de maior fechamento de fronteiras a imigrantes. Qual seria a correnteza subjacente neste caso?

No caso europeu, obviamente, salta aos olhos a imigração islâmica para a União Europeia (EU). Desde 2010, são mais de 13 milhões de imigrantes com cultura diversa da cultura ocidental. Mais recentemente, esta imigração foi fortemente majorada pelos desarranjos político-econômicos em vários países africanos e do Médio Oriente (Líbia, Tunísia, Síria etc.).

Atentados em Paris juntam-se às imagens de milhares de refugiados islâmicos deslocando-se em direção à Alemanha e outros países europeus para trazer à EU uma forte e recorrente discussão sobre o tema. Até que ponto tais problemas decorreram de ações perpetradas pelo Ocidente, é questão em aberto. Mas é inegável o ressentimento islâmico em relação a alguns países ocidentais.

Entretanto, não se pode dizer que tenha sido este movimento migratório que causou, por exemplo, o desalento

econômico da classe média americana que votou em Donald Trump. Esta parcela da população americana viu seus empregos migrarem para outros países em busca de menor salário. Migraram, em particular, para a China, país com o qual os Estados Unidos têm um elevado déficit comercial.

Isto sugere que o crescimento da Ásia responde também por parte da atual onda nacionalista ocidental. É parte da correnteza subjacente a alinhar os países ocidentais. A Ásia, China em particular, quer participar do baile consumista ocidental. O problema é que fica mais difícil dançar quando tem muita gente na pista.

Sua civilização confuciana, fechada e adormecida tecnologicamente desde o século XVI, quer voltar a ocupar lugar de destaque no mundo. E tem se preparado adequadamente para isto. Provendo mão de obra produtiva e a baixo custo, provoca perdas de emprego no Ocidente.

Parte das linhas de produção mais tradicionais se deslocam para o Oriente, deixando aqueles que não foram devidamente treinados nos novos modelos de produção a sensação de perda relativa e, em alguns casos, absoluta. Nos Estados Unidos, estes são parte

dos que votaram contra o estamento (*establishment*, como lá dizem).

Ao votarem algo raivosamente, não observaram que a plataforma protecionista em geral é um voo de galinha. Gera ganhos individuais de curto prazo e perdas coletivas de longo prazo. E que a ideia de colocar publicamente os Estados Unidos em primeiro lugar talvez caracterize uma estratégia oposta àquela que manteria este país, com mais facilidade, na rota da liderança mundial.

Na visão circunstancialista da história, nomes próprios são apenas instrumentos das forças sociais e econômicas subjacentes, estas se determinando fundamentalmente pelo progresso tecnológico. Sob esta ótica, Donald Trump seria mais consequência do que causa. O mesmo se diria, por exemplo, do Brexit de Nigel Farage, do movimento de direita de Maria Le Pen na França e do partido Alternativa para a Alemanha de Frauke Petri.

Até onde esta visão da história faz sentido, trata-se de ponto controverso. Mas esses velhos e conhecidos navios ocidentais não se postariam todos ao mesmo tempo na mesma direção política, não fosse algum tipo de correnteza marítima subjacente. ▀